

LEITURAS

Não, meu caro, ainda não li seu livro. Podia dizer que já tinha lido e achado interessante, e depois lhe falaria dele com mais vagar. "Interessante" é um bom adjetivo, que a gente sempre pode aplicar a um livro que não se leu ou a um quadro que não se viu — ou a um livro ou quadro que, já lido ou visto, não nos despertou interesse nenhum ou apenas nos deixou sem vontade de dizer qualquer coisa. É um adjetivo prudente, vago e subjetivo, que tem a virtude de não dizer nada; virtude, meu velho, que não é pequena, em tempos como estes, em que se dizem tantas tolices e barbaridades sobre livros e principalmente sobre quadros.

Mas acredite que seu livro está em muito boa companhia, ficando entre as obras que ainda não li: tem a seu lado, por exemplo, 95 por cento da obra de Proust e praticamente 100 por cento da de Homero, que mais quer você? Pretendo ler todos, você, Proust, Homero, inclusive Homero Homem, que vai lançar seu primeiro livro. Mas o diabo é que não paro muito em casa a não ser para escrever e dormir. E tenho uma estante amontoada e confusa, onde a obra "Armas e Munições de Caça" é vizinha de uma "Introduction à la Poésie Ibéro Américaine" e da peça "Venus Observed". Minha jovem secretária tem um critério sutil e levemente surrealista para arrumar os livros, e controla minha leitura a um ponto inconcebível; muitas vezes começo a ler um livro e quando o procuro no dia seguinte vejo que ele foi engolfado no caos da estante; em seu lugar ela deixa sobre a mesa algum outro, que certamente considera mais útil para ilustrar meu espírito. Sábado comecei a reler "Sagarana"; domingo passei para a "História da Capitania de S. Vicente" e hoje notei que posso escolher entre duas obras: o "Manual do Chofer" e "Gaspard de la Nuit", que ela me selecionou, deixando o primeiro junto à rede e o segundo sobre a mesa. Minha ignorância fica dia a dia mais eclética e variada; os jovens autores que ainda me visitam, depois de muito fuçar a estante, encontram suas brochuras cuidadosamente fechadas, virgens. Passo muita vergonha.

Meus próprios livros, eu os encontro às vezes com ardentes dedicatórias a amigos, feitas 14 meses atrás; ainda não descobri o critério que ela adota para enviar ou não. As vezes reajo, mergulho na estante, cato pacientemente um livro que desejo ler, levo-o para o quarto, escondendo-o debaixo do colchão, como se fosse uma obra imoral ou proibida; mas a secretária se entende às mil maravilhas com a arrumadeira, e já descobriu todos os esconderijos, inclusive o armarinho do banheiro.

Não há o que fazer. Submeto-me a seu gosto, que é extravagante; ainda não descobri porque motivo me serviu durante uma quinzena, em dias alternados, um "Manual de la Historia Argentina" que fiquei exausto de ler, nem porque sabota sistematicamente D. H. Lawrence e Clarice Lispector. Na última viagem que fiz ela conseguiu colocar na minha bagagem não sei com que estranha intenção, um livrinho de capa branca. A noite, em um horrendo quarto de hotel do interior, peguei-o resignadamente para ler: era o "Guia das livrarias brasileiras", editado há 10 anos atrás pelo Instituto de Livro, com endereço de todas as livrarias e outras informações, tais como o número de livros, média diária de fregueses e número de empregados. Muito útil.

Esperemos. Talvez um dia seu livro venha à tona; estou certo de que é muito interessante. Mas é impossível saber, a respeito, a opinião de minha secretária. Adeus, vou mergulhar no "Gaspard de la Nuit". — R. B. 5/12/51

M 93 - ~~100/100~~ - Carta a um jovem
autor q mandou
seu livro e pede
minha opinião"

M 493